

# Full informatiu

Núm. 79 de Dezembro de 2008



Gran Teatre del Liceu



Krassimira Stoyanova i Anthony Michaels-Moore

**S**imone Boccanegra foi um corsário que se converteu no primeiro dux da República de Génova quando foi escolhido, depois de uma revolta popular, no dia 24 de Setembro de 1339. Estas referências –corsário, revolta popular, república– eram suficientes para que um romântico como Antonio García Gutiérrez –autor do argumento de *Il trovatore*– convertesse Boccanegra no herói de um drama «histórico e político» (1843). Mais político do que histórico, porque a história, interpretada muito livremente, apenas lhe servia para envernizar o argumento de «credibilidade». Mas é a adequação à política da época –no caso de García Gutiérrez e também no de Verdi– o que determina que Boccanegra se converta no herói patriótico, liberal e tolerante que sacrifica os seus interesses, mesmo a sua própria vida, pelo bem supremo da paz e da concórdia entre os cidadãos.

O argumento de *Simon Boccanegra* –um prólogo que explica os precedentes e três actos que se situam vinte e cinco anos mais tarde– tem como cenário de fundo o conflito entre as duas facções rivais –os patrícios e os plebeus– que dividiam os genoveses. Neste contexto, a ópera segue dois argumentos imbricados: O primeiro diz respeito ao governo de Boccanegra, que começa com a sua eleição como dux (prólogo) a pedido dos plebeus manipulados pelo maligno Paolo Albiani; que culmina com a memorável intervenção de Boccanegra perante o Conselho em que convence os parlamentários para fazer a paz com Veneza e os revoltados na sua contra para depor a sua atitude (fim do primeiro acto); e que termina com a sua morte (terceiro acto) rodeado do afecto dos seus partidários e também do dos seus inimigos numa Génova reconciliada e em paz.

O segundo argumento explica a relação de Boccanegra com a sua filha Amelia. Começa, no prólogo, com a morte da mãe de Amelia, Maria, filha de Jacopo Fiesco, um dos líderes dos patrícios, que odeia Boccanegra por ter seduzido a sua filha. Continua, vinte e cinco anos mais tarde, quando pai e filha –esta desaparecida após a morte de Maria– se voltam a encontrar numa circunstância difícil porque as personagens mais próximas de Amelia (Jacopo Fiesco, o seu avô, e Gabriele Adorno, o seu noivo) pertencem à facção dos patrícios e participam na conspiração contra Boccanegra urdida por Paolo Albani, ressentido porque o dux lhe nega a mão de Amelia. Quando Boccanegra, porém, tem de escolher entre a felicidade da sua filha e o castigo dos conspiradores, opta por perdoá-los e pede mesmo ao povo de Génova, quando está a morrer, envenenado por Paolo Albiani, que escolha Gabriele Adorno, casado já com Amelia, como novo dux.

*Simon Boccanegra* distingue-se pelas suas magníficas árias, duetos e concertantes e, na versão definitiva estreada em 1831, conta com uma orquestração maravilhosa e com a cena antológica da Sala do Conselho, no fim do primeiro acto, que inclui a célebre ária «Plebe! Patrizi! Popolo».

## GIUSEPPE VERDI: *Simon Boccanegra*

### Representações

23, 27 e 30 de Dezembro de 2008, às 20 h;  
2, 3, 5, 7, 8, 10, 13 e 14 de Janeiro de 2009,  
às 20 h; 11 de Janeiro de 2009, às 17 h.

### Ficha artística

Direcção musical: Paolo Carignani  
Encenação: José Luis Gómez  
Cenografia: Carl Fillion  
Vestuário: Alejandro Andújar  
Iluminação: Albert Faura  
Movimento cénico: Ferran Carvajal  
Nova co-produção: Gran Teatre del Liceu /  
Grand Théâtre de Genève

Simon Boccanegra: Anthony Michaels-Moore /  
Alberto Gazale\*  
Maria Boccanegra, com o nome de Amelia  
Grimaldi: Krassimira Stoyanova /  
Barbara Haveman\*  
Jacopo Fiesco: Giacomo Prestia /  
Stefano Palatchi\*  
Gabriele Adorno: Neil Shicoff /  
Marcello Giordani\*\* / Aquiles Machado\*  
Paolo Albiani: Marco Vratogna /  
Carlos Bergassa\*  
Pietro: Pavel Kudinov  
Um capitão de besteiros: Jorge de León  
Uma servente de Amelia: Claudia Schneider  
\* 3, 7, 10 e 13 de Janeiro  
\*\* 5 e 11 de Janeiro

### Conferências

Conferência organizada pela associação  
Amics del Liceu na Sala do Coro do Gran  
Teatre del Liceu: Fernando Fraga sobre *Simon  
Boccanegra*.  
Quinta-feira, 18 de Dezembro, às 19.30 h.

Actos prévios  
45 minutos antes do espectáculo, oferece-se  
no Foyer uma sessão informativa sobre a  
ópera.

### Retransmissões

27 de Dezembro, às 20 h.  
Radio Clásica de RNE (em directo).

30 de Dezembro, às 20 h.  
Catalunya Música (em directo).

### Livros

• Giuseppe Verdi: *Simon Boccanegra*.  
«L'Avant-Scène Opéra», núm. 19. Editions  
Premieres Loges, 1994.

• Antonio García Gutiérrez: *El trovador*.  
*Simón Bocanegra*. Planeta, 1989

• Gilles de Van: *Verdi un théâtre en musique*.  
Fayard, 1992.

*Simon Boccanegra* foi estreada no teatro La Fenice de Veneza no dia 12 de Março de 1856 sem muito sucesso. O músico e crítico italiano Abramo Basevi (1818-1885), contemporâneo de Verdi, explicou as causas disso no seu *Studio sulle opere di Giuseppe Verdi* (Florença, 1859). É curioso que Basevi considerasse que este primeiro *Simon Boccanegra* se afastava demasiado do *bel canto* e se orientava, por influência wagneriana, para a forma germânica de compor. Mais de vinte anos depois, com a ajuda de Arrigo Boito, personagem decisiva nas obras do período de velhice do compositor, Verdi fez uma segunda versão, a qual ficou como definitiva, estreada com um grande sucesso no teatro La Scala de Milão no dia 24 de Março de 1881.

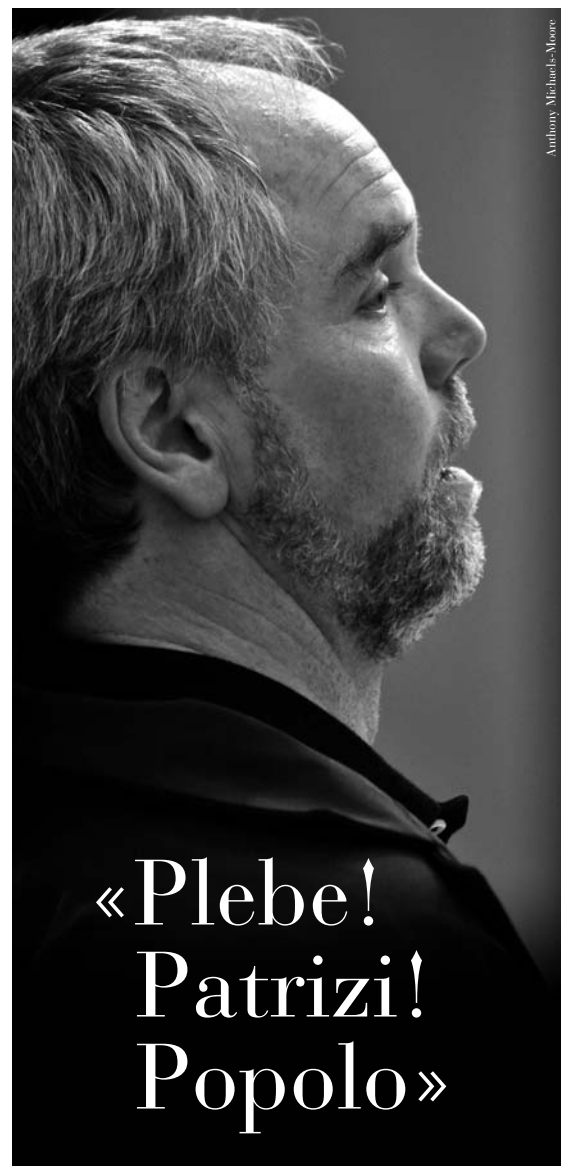
«Verdi, nesta ópera, por causa da sua constante pesquisa de novas formas que se adaptem melhor à expressão dramática, por causa da importância crescente que concede aos recitativos e também por causa da menor atenção que presta à melodia, ensaia uma “quarta maneira” que se aproxima da música germânica. Eu julgo que Verdi tenta, como se pode observar no prólogo, seguir de longe, mas inequivocamente, as pegadas do famoso Wagner. E é evidente que Wagner quer, ao máximo possível, proporcionar uma linguagem à música que a torne a sombra da poesia. [...] O *Tannhäuser* de Wagner faz-se conhecer na Alemanha, mas não atrai o público mais além da curiosidade que possa suscitar a novidade. Apenas o facto de encontrar ocasionalmente alguma melodia, algum *cantabile* ou algum concertante impede o aborrecimento, os quais, por outro lado, ao serem procedimentos contrários ao sistema wagneriano, apenas aparecem em doses muito ténues. Se a Alemanha não quer esta reforma, a Itália, que tem razões mais poderosas para opor-se, teria de vê-la com horror. Posso aceitar que a reforma wagneriana seja “a música do futuro”, mas nego absolutamente que seja “a música do presente”. E, se há alguma arte que tenha de ser sensível a agradar imediatamente, esta é, sem dúvida nenhuma, a música e, nomeadamente, a música teatral. Na música de *Simon Boccanegra*, não há, certamente, muito *bel canto* [...]. No entanto, nesta ópera, o canto tem, em geral, o mérito de não ser exagerado por aquele ímpeto próprio do génio verdiano e, às vezes, aproxima-se da “terceira maneira”, embora implique, em relação a esta, um progresso muito notável.»

## A dramaturgia de José Luis Gómez para *Simon Boccanegra*

José Luis Gómez, director do Teatro de la Abadía de Madrid e prestigioso actor e encenador, apresenta-se no Liceu com a estreia de uma versão de *Simon Boccanegra* co-produzida pelo Gran Teatre del Liceu e o Grand Théâtre de Genève (Genebra).

Da obra de Verdi, de acordo com a versão definitiva de 1881, José Luis Gómez sublinhou o essencial: O valor político da personagem de Boccanegra construída como ícone do exercício democrático, tolerante e republicano de um poder que lhe foi confiado por vontade popular. Para sublinhá-lo, Verdi –e Arrigo Boito, que colaborou com Verdi nesta versão definitiva– introduziu a grande cena da Sala do Consiglio em que Boccanegra canta a ária «Plebe! Patrizi! Popolo», que coloca a paz interna e a paz internacional como bem supremo da República. José Luis Gómez quis salientar na sua dramaturgia o carácter central e vertebrador desta cena no conjunto da ópera.

Por outro lado, a cenografia de Carl Fillion opta por uma encenação sóbria e nítida, afastada de qualquer referente historicista –ou de qualquer actualização– que pudesse distorcer o valor universal –não só histórico, não só local– do sentido da obra. Mas Fillion ainda faz mais: A sua elegante cenografia tem um certo sentido orgânico porque se transforma constantemente para abrir espaço para a sucessão de cenas que caracteriza a obra e, desta maneira, consegue integrar o que no original parece, com frequência, meramente justaposto. Além disso, o vestuário de Alejandro Andújar, muito estilizado, quer evocar o da época da Revolução Francesa que, para Boito e para Verdi, devia ser necessariamente o referente republicano mais valioso. Com todos estes recursos, José Luis Gómez ordena e depura os materiais da ópera para conseguir que as emoções e as vozes sejam o centro da nossa atenção e o canal que nos transmita a mensagem de tolerância e de paz de *Simon Boccanegra*.



«Plebe!  
Patrizi!  
Popolo»

# José Luis Gómez: «É preciso encontrar um espaço em que a música e a humanidade das personagens atinjam o protagonismo»



**GTL– Qual acha que é o ponto culminante da ópera *Simon Boccanegra*?**

J. L. G.– Sem dúvida nenhuma, o núcleo dramático da ópera centra-se numa cena: A do Senado do segundo quadro do primeiro acto, uma cena que, apesar de não estar presente no libreto original de Francesco Maria Piave, com a incorporação que Arrigo Boito realiza na versão revista em 1881, faz com que a ópera tenha mais

clareza dramática e que a personagem central adquira uma dimensão dramática desconhecida na versão anterior. A magnitude desta cena fica clara no uso admirável e dinâmico do coro, na inspiração extraordinária da música e em que aparece de uma forma muito eloquente a estatura política de Simon Boccanegra.

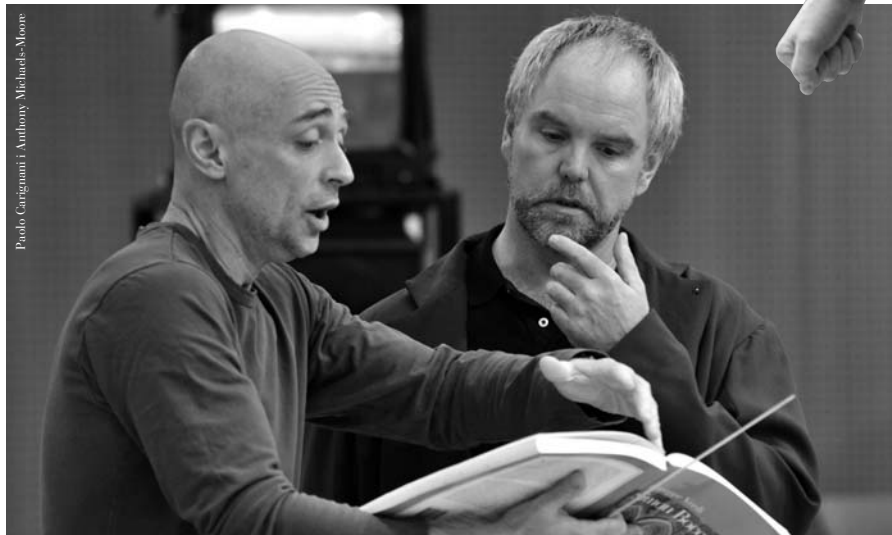
**GTL– Quais são os paralelismos entre o protagonista da ópera e a personagem histórica, bem como entre a Génova que se desenha na ópera e a real do século XIV?**

J. L. G.– Na realidade, o retrato da Génova do século XIV que se nos apresenta na ópera tem pouco peso histórico. Na ópera, fala-se muito pouco da situação política e social da República, é sobretudo um pretexto; por certo, muito habitual em grandes dramaturgos como Brecht e Shakespeare para encobrir algumas críticas do presente. E é precisamente do seu presente, das dificuldades e contradições dos momentos politicamente convulsos que vivem, daquilo que Verdi e Boito nos falam. O mesmo acontece entre a personagem histórica de Simone Boccanegra e a personagem que nos desenha o compositor, um Boccanegra que atinge uma categoria moral que se afasta da personagem real, a qual, de acordo com a sua biografia, era um homem com certos tiques ditatoriais.

**GTL– Qual foi a sua opção para pôr em cena *Simon Boccanegra*?**

J. L. G.– O que os meus colaboradores e eu queríamos buscar era um espaço neutro, lugares tanto públicos como privados, interiores ou exteriores, monumentais ou íntimos, isentos de pormenores da época e em que pudessem ter cabimento tanto o relato histórico (presente em alguns aspectos da ópera) como a história de paixões humanas, de suspicácias sociais e políticas e da recuperação do amor paterno e do amor filial que se nos apresentam ao longo de toda a ópera. **Mais do que a abstracção, o que buscamos é o essencial**, o que esteve e sempre estará. Esta neutralidade também é evidente no vestuário e na cenografia, um espaço cénico que permite explicar a história e em que a música e a humanidade das personagens atingem o protagonismo.

Damià Carbonell



## El Petit Liceu (O Pequeno Liceu)

# El retablo de Maese Pedro

de Manuel de Falla



**Direcção musical**

Josep Vicent

**Encenação**

Enrique Lanz

**Projecto de produção cénica com fantoches**

Compañía Etcétera

**Nova co-produção**

Gran Teatre del Liceu / Teatro Real (Madrid) / Teatro Calderón (Valladolid) / Asociación Bilbaína de Amigos de la Ópera (ABAO) / Teatro de la Maestranza (Sevilla) / Ópera de Oviedo / Compañía Etcétera

**Janeiro de 2009**

Dias 3, 4 e 10, às 10.45 e 12.45 h; dia 5, às 11 h.

**Venda de bilhetes**



Os fantoches da Compañía Etcétera recriarão, num novo espectáculo, este divertido episódio de *O Quixote* seguindo a música de Manuel de Falla, interpretada pela Orquestra da Academia do Gran Teatre del Liceu.

## Criação do Conselho de Assessoramento Artístico

Com o fim de assessorar o projecto artístico do Gran Teatre del Liceu e a definição das temporadas, bem como de analisar a sua evolução e avaliar as diversas propostas artísticas que sejam apresentadas, a Comissão Executiva do Gran Teatre del Liceu acordou a criação do Conselho de Assessoramento Artístico. O CAA será composto por Joan Francesc Marco, director-geral do Gran Teatre del Liceu -quem o presidirá-; Joan Matabosch, director artístico; Sebastian Weigle e Michael Boder, directores musicais; José Luis Basso, director do Coro; Xavier Albertí, encenador e compositor; Anna Maleras, bailarina e coreógrafa; Ramon Pla i Arxé, professor e especialista em ópera; Carles Riera, clarinetista e pedagogo musical; e Antoni Ros-Marbà, director de orquestra e catedrático.

## Com a colaboração do Liceu Orquestra Sinfónica do YouTube

O YouTube lança em Espanha a primeira orquestra do mundo na Internet. O YouTube lançou o projecto Orquestra Sinfónica do YouTube, cujo objectivo é servir de plataforma aos intérpretes com mais talento graças à capacidade de difusão mundial do YouTube. Os internautas poderão descarregar a partitura e colocar a sua interpretação no YouTube. Os músicos seleccionados viajarão a Nova Iorque, onde participarão num concerto no Carnegie Hall e, além disso, aprenderão com mestres da categoria do compositor Tan Dun, ganhador de um Oscar, e do director de orquestra Michael Tilson Thomas. A Orquestra Sinfónica do YouTube constitui o primeiro projecto do portal que se lança simultaneamente em todo o mundo, em 14 línguas e nos 23 websites do YouTube que há traduzidos em todo o planeta.

**Mais informação em:** [www.youtube.com/symphony](http://www.youtube.com/symphony) o [www.liceubarcelona.com](http://www.liceubarcelona.com)

## Retransmissão em directo da ópera *Simon Boccanegra* nos cinemas da cadeia Cinesa

No próximo dia 14 de Janeiro, quarta-feira, às 19,45 h, poderá ver-se em pleno directo, nas salas de cinema CINESA, a retransmissão da ópera *Simon Boccanegra* que estará a ser representada no Gran Teatre del Liceu de Barcelona. Os bilhetes terão um preço de venda antecipada de 14 € (11 € para os sócios do Liceu, para os Amics del Liceu e para os espectadores com o cartão Cinesacard, em todos os casos apresentando o respectivo cartão na bilheteira) e de 16 € para a venda no próprio dia na bilheteira.

**Més informació:** [www.cinesa.es](http://www.cinesa.es) o [www.liceubarcelona.com](http://www.liceubarcelona.com)

## LAIE-LICEU



### Laie Petit Liceu

A Laie apresenta um novo espaço dedicado à música e à dança para meninos e também à pedagogia musical, onde se podem encontrar instrumentos, caixas de música, livros, CD infantis, DVD, vestimentas para disfarce, fantoches ...

**Laie Petit Liceu**, situada em La Rambla, 51-59, está junto da entrada do Gran Teatre del Liceu. Tel. 93 301 03 89. Horário: Das 11 às 14 h e das 16 às 20 h de segunda-feira até sábado

## laieliceu

### Laie Liceu

Livraria-loja do Gran Teatre del Liceu. Podem encontrar-se livros, CD e objectos relacionados com a música para todas as idades.

**A Laie Liceu**, está situada no interior do Gran Teatre del Liceu, La Rambla, 51-59. Tel. 93 343 56 64. Horário: Das 9,30 às 20 h de segunda-feira até sábado

## O Liceu em turnê

Nos próximos dias 24, 25, 27 e 29 de Janeiro de 2009, a Orquestra Sinfónica do Gran Teatre del Liceu, sob a direcção de Josep Pons (24, 25 e 27) e de Alfons Reverté (29), e com a participação da meio-soprano Karine Deshayes, actuará no Auditori de Girona (24), no Auditori Enric Granados de Lleida (25), no Teatre Fortuny de Reus (27) e no Auditori del Centre Cultural de la Caixa Terrassa (29). O programa constará do «Interlúdio» e «Dança» de *La vida breve* de Manuel de Falla, de *Shérizade* de M. Ravel e da *Sinfonia núm. 9 em Mi menor*, op. 95, «do Novo Mundo» de A. Dvorák.

O Gran Teatre del Liceu obtve a certificação ISO 14001 (International Standard Organization) / EMAS (Ecomanagement and Audit Scheme)



### Consell de Mecenatge



### Patrocinadors i Protectors

ABANTIA - ACCENTURE - ALMIRALL - ATOS ORIGIN - AXIMA - BTV BARCELONA TELEVISIÓ - BON PREU - BORSA DE BARCELONA - CESPÀ - FERROVIAL - CHOCOLAT FACTORY - COBEGA - FUNDACIÓ COCA-COLA ESPÀÑA - DANONE - EL PUNT - ENAGAS - EPSON IBÉRICA - ERCROS - ESPAS PROMOCIONS IMMOBILIARIES - EUROMADI - FCC CONSTRUCCIÓN - FERRERO IBÉRICA - FIATC ASSEGUARANCES - FUNDACIÓ PUIG - FUNDACIÓ CULTURAL BANEITO - GENERAL CABLE - GFT IBÉRICA SOLUTIONS - GRAFOS - GRAN CASINO DE BARCELONA, GRUP PERALADA - GVC - INDRA - KLEIN - LABORATORIOS INBSA - LABORATORIOS ORDESA - LICO CORPORACIÓN - MEDIA MARKT - METALQUIMIA - MONTBLANC - MYLAN - NATIONALE SUISSE - PEPSICO - PHILIPS IBÉRICA - PORT DE BARCELONA - PRICEWATERHOUSECOOPERS - SACRESA - SACYR VALLEHERMOSO - SAGA MOTORS - SANOFI - AVENTIS - SAP - SERVIDE - SOGEUR - TECNICA - TECNOCOM - TRANSPORTS PADROSA - UNIDAD EDITORIAL